

COMPORTAMIENTO AFETIVO FEMENINO: A MULHER NA IMPRESA E NA LITERATURA DESTERRENSE NO SÉCULO XIX

Antônio Emilio Morga*

Fecha de recepción: noviembre de 2012

Fecha de aceptación: febrero 2013

Resumo

O artigo analisa a pluralidade de dizeres sobre a mulher de Nossa Senhora do Desterro – atual Florianópolis/SC - no decorrer do século XIX. Investigando os periódicos que circularam na segunda metade do século em questão observamos que a população feminina da Capital da Província de Santa Catarina se fez presente através de várias manifestações artísticas. A visibilidade feminina da Ilha de Santa Catarina aparece em alguns momentos como uma mulher sedutora e benevolente com os gracejos masculinos. Descritas como elegantes, charmosas, graciosas e talentosas as mulheres desterrense se viram construídas pelo imaginário masculino em uma diversidade de imagens. Ora pelo olhar europeu de diversas procedência que escreviam para um público ávido de notícias sobre os usos e costumes do novo mundo, ora pelos literatos desterrense e jornalistas que diante do seu olhar determinadas atitudes femininas era lida como preocupante para os bons costume. Não podemos esquecer que estas imagens eram construídas de diferentes ângulos e observações sobre práticas femininas desterrense de sociabilidade e afetividade. Dos salões de danças, literatura, companhia musical as mulheres da Capital da Província de Santa Catarina fizeram desses locais o espaço de sua visibilidade no mundo público e privado do século XIX.

Palavras Chaves: História literatura visibilidade feminina cotidiano.

Resumen

El artículo analiza la pluralidad de los dichos sobre las mujeres de Nossa Senhora do Desterro - Florianópolis actual/SC - durante el siglo XIX. La investigación de las revistas que circularon en la segunda mitad del siglo en cuestión observa que la población femenina de la capital de la provincia de Santa Catarina estuvo presente a través de varias formas de arte. La visibilidad de las mujeres isla de Santa Catarina aparece a veces como un hombre temptress y benevolente con

* Prof. Dr. Antônio Emilio Morga. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas/ UFAM. Autor de artigos, livros e organizador de coletâneas.

bromas. Descrito como elegante, mujeres encantadoras y elegantes y talentosos desterrense se construye imágenes masculino en una variedad de imágenes. Ahora mira origen varios países europeos que escribía para un público ávido de noticias acerca de las costumbres y tradiciones del nuevo mundo, a veces por escritores y periodistas que desterrense ante sus ojos ciertas actitudes femeninas se leía como preocupante para la buena costumbre. No hay que olvidar que estas imágenes se construyeron a partir de diferentes ángulos y observaciones sobre las prácticas de sociabilidad femenina desterrense y afecto. Desde los pasillos de la danza, la literatura, la compañía de música de mujeres de Capital de la Provincia de Santa Catarina hizo estos lugares el espacio de su visibilidad en los sectores público y privado del siglo XIX.

Palabras clave: Historia Literatura visibilidad de las mujeres cotidiano

Summary

The article analyzes the plurality of sayings about women of Nossa Senhora do Desterro - current Florianópolis/SC - during the nineteenth century. Investigating the journals that circulated in the second half of the century in question observed that the female population of the capital of the province of Santa Catarina was present through various art forms. The visibility of female Santa Catarina Island appears at times as a temptress and benevolent men with jokes. Described as elegant, charming, graceful and talented women desterrense themselves constructed by male imagery in a variety of images. Now look at several European origin who wrote for an audience eager for news about the customs and traditions of the new world, sometimes by writers and journalists who desterrense before his eyes certain female attitudes was read as worrying for the good custom. We must not forget that these images were constructed from different angles and observations about practices desterrense female sociability and affection. From the halls of dance, literature, music company of women Capital of the Province of Santa Catarina made these places the space of their visibility in the public and private sectors of the nineteenth century.

Key Words: History Literature Women visibility everyday

Em 1769, o Governado de Santa Catarina, João Alberto Miranda Ribeiro, foi consultado pelo vice-rei, Conde de Azambuja, que desejava saber se havia letrados na Capital da Província. E se houvesse que o governador os propusesse para Juizes de demarcações de terras e sesmarias. Em resposta a consulta, o governador comunicou ao vice-rei que não havia na Ilha *letra de formados*. Isto é, não havia na Capital, pessoas, portadoras de diplomas em qualquer área do conhecimento. Isto não significava dizer que não existissem letrados em Desterro. (CABRAL, 1979,91)

O cenário cultural de Nossa Senhora do Desterro no decorrer do século XIX, era formado pelo Gabinete de Leitura, criado em 1831, Liceu Provincial, Biblioteca Pública, ambos fundados em 1855 pelo Presidente da Província Dr. João José Coutinho, Teatro Santa Isabel criado em 1857, e por uma imprensa iniciada em 1831 com a fundação do jornal “O Catarinense”, por iniciativa de Jerônimo Francisco Coelho, tendo seu primeiro número circulado em 28 de julho de 1831. No ano seguinte, apareciam os jornais “O Expositor” e “O Benfazejo”. Completavam ainda o ambiente cultural desterrense, jornalistas, cultores das letras, artistas plásticos, músicos e escritores ligados a algumas sociedades dramáticas amadoras.

Ao longo da pesquisa, verificamos, que outras expressões artísticas como o teatro, a poesia, a música, bem como os salões de bailes, se revelaram como fontes de informações sobre a visibilidade da mulher da Ilha de Santa Catarina. A partir desta constatação rastreamos o universo cultural desterrense em busca de elementos que positivassem a história da mulher em Desterro.

As problematizações emergentes sobre o urbano na primeira metade do século XIX correlacionaram-se a uma diversificação da figura da mulher. Ora era vista como sedutora, namoradeira e vaidosa, ora como esposa, filha e mãe. Estas configurações surgiram no limite e no duelo entre o profano e o sagrado.

A verdadeira condição da mulher, apregoada pelo saber médico higienista, teve na literatura romântica e em outras expressões culturais o seu agente veiculador. Nesta perspectiva, os romances e as peças teatrais ao difundirem a pedagogia dos comportamentos atendiam aos interesses da burguesia ascendente no Brasil. Em Nossa Senhora do Desterro, no decorrer do século XIX, eram veiculadas pela imprensa as diversas manifestações artísticas que expressavam a educação sentimental introduzida pelo romantismo.

Não encontramos, no transcurso da pesquisa, evidências que possam atestar ter havido, através da imprensa, uma campanha contra as práticas afetivas femininas na Ilha de Santa Catarina ao longo do século XIX. No entanto, podemos verificar a ocorrência de uma série de pequenas advertências que informam sobre o que poderiam ser as práticas de sociabilidade da mulher de Nossa Senhora do Desterro.

Pede-se a uma moça moradora à rua da carioca, o favor de quando ralar com o seu namorado tenha mas um pouco de atenção; ao menos com a família defronte, ou antes puxe-lhe as orelhas e não grite tanto. Tome cuidado. (Jornal O Mosquito 1886)

E entre as manifestações artísticas em Desterro, a música foi no dizer de alguns viajantes estrangeiros, um dos espaços da visibilidade feminina.

Miguel de Brito, que esteve na Ilha em 1797, ficou surpreso de encontrar aqui “boa música e principalmente de encontrar mulheres que *sabem cantar, tocar algum instrumento de cordas, e dançar*” (BRITO, 1932, 74) Langsdorff (1803) comenta que a noite em Desterro era movimentada. “As famílias se reuniam em pequenos grupos para cantar e dançar. Acompanhados por uma música expressiva e agradável” (LANGSDORF, 1984, 163). Otto von Kotzebue (1815), ao relatar o cotidiano da população, tece elogios à alegria proporcionada pela música de uma “dupla de violino e flauta” que contagiava os viajantes”.

Comenta o historiador Oswaldo Cabral que D. Caetana, esposa do governador da Província de Santa Catarina, José Almeida Moura (1765-1775), era amante da música e que propiciava à sociedade desterreense momentos inesquecíveis. Tinha ela predileção pelas modinhas populares, doces, românticas e ingênuas, oriundas dos Açores (CABRAL, 1979, 53). A residência oficial era aberta para os músicos que iam ao palácio cantar e recitar para D. Caetana, governador e convidados.

Lucas A. Boiteux comenta que um soldado, conhecido por Saraiva, ganhou uma chácara de presente do governador e esposa pelas horas proporcionadas pelos seus dotes musicais. Presente que mereceu por parte de Cabral a seguinte observação: “pagamento, sem dúvida das horas agradáveis de cantoria e cantadas proporcionadas à D. Caetana”. (CABRAL, 1979, 53)

Ao contrário da arte cênica, na Ilha, as mulheres fizeram da música a sua visibilidade no espaço público. Desde a condição de mestra, como era o caso de D. Henriqueta Molina que se propunha ensinar piano e canto, ou nas vozes de D.

Chiquinha Souza e Melo, Guiomar Esteves e Zélia Costa, a quem a sociedade desterrense clamava de *virtuosa*.

É nas residências de algumas personalidades do mundo social desterrense, ou nos teatros, que, segundo Cabral, a música contagiava os ouvintes e conquistava novos adeptos. Entre estes, as mulheres que cada vez mais participavam ativamente das muitas sociedades musicais surgidas neste período. Nos concertos que ocorreram na cidade de Nossa Senhora do Desterro no século XIX, a presença feminina na condição de músicas se tornou uma constante. Em 1875, as mulheres se fizeram presentes em vários concertos: Maria da Silveira Hautz, Ana Lucinda Macedo Maia e Fanny Riedel(soprano), além de Helena Kirbach, Maria José Alves de Brito, Isabel Medeiros e Beselissa da Conceição Pamplona. Todas elas eram também pianistas “Possuir um piano era o desejo de toda gente. E um piano na sala dava status social a quem o tivesse”. (CABRAL, 1979, 66)

No transcurso do século XIX surgiram na Ilha de Santa Catarina, vários grupos musicais. Entre eles destacamos: *Paraíso Desterrense*, fundado em 29 de setembro de 1861. *Sociedade Harmonia-Lírica*, em 21 de maio de 1876; em 1878 *Clube Musical 19 de junho*; *União Musical* em 1858, e *A Sociedade Euterpe 4 de Março*, em 1867, que trazia no seu repertório composições de Liza, Verdi, Rossini e Donizetti.

A Sociedade Euterpe 4 de Março era freqüentada pela “*finá flor*” da sociedade desterrense. Moças e senhoras,

Exibiam seus dotes instrumentais e vocais moças da mais alta posição social, como Das. Guiomar Esteves, Baselissa Pamplona, Fanny Boethgen, Chiquinha Souza e Melo, Zélia Costa, as filhas do maestro Hautz, netas do cirurgião Tomás Silveira de Souza e outras. Muitas eram já casadas, outras ainda na esperança de um matrimônio. (CABRAL, 1979, 24)

Os atavios e o luxo das mulheres que pertenciam a esta sociedade tornou-se um problema para diretoria, pois inibia a participação de outras mulheres talentosas, mas de condições financeiras de menor abrangência. Para evitar o luxo excessivo de certas damas, a diretoria, em aviso público, de 12 de dezembro de 1877 solicitava às senhoritas e senhoras que comparecessem com vestuários mais modestos. Fato que mereceu do jornal “O Conservador”, elogio em seu editorial: “Pois, assim, outras jovens senhoras e senhoritas, de educação, mas de posses

menos avultadas, sentir-se-iam menos acanhadas frente às que se exibiam com demasiado requinte”.

O gosto pelo luxo das mulheres de Nossa Senhora do Desterro se fazia presente em todos os acontecimentos sociais. Auguste de Saint-Hilaire em sua viagem pela província de Santa Catarina (1820) observou que:

As mulheres mais ricas da cidade acompanham a moda do Rio de Janeiro, que por sua vez segue a da França. As mulheres do campo, que não trabalham fora de casa e em nada se parecem com as nossas camponesas, (...) todas elas, sem exceção, usam vestidos de chita ou de musselina e um xale de seda ou de algodão; os cabelos são arrepanhados no alto da cabeça e presos com uma travessa, e muitas vezes enfeitados com flores naturais. Durante a semana elas usam apenas os sapatos, mas aos domingos calçam meias também; nos dias das grandes festas religiosas poucas são as que vão à missa sem estarem calçadas com sapatos forrados de damasco (1820). (...) elas fiam e tecem, mas de um modo geral empregam o que ganham unicamente para satisfazer o seu gosto pelas roupas bonitas.

Dom Pernetty (1763) já afirmava que as mulheres da Ilha se vestiam de acordo com a moda européia:

Estes xales as portadoras os arrumavam à moda do hábito das carmelitas: um ângulo ao meio das costas e a ponta oposta cobrindo a cabeça. As outras pontas, depois de cobrirem os braços até o cotovelo, cruzavam-se sobre o peito, à moda do mantelete das damas francesas. Mas havia quem passasse as pontas pelas axilas, deixando de fora o peito, modo muito incômodo, dizia o monge intinerante.

Um cronista social da época, encantadíssimo com o charme das mulheres belas que compareceram a um dos primeiros bailes realizados na casa do governador, em julho de 1869, registra seu entusiasmo diante do luxo ostentado pelas mulheres da Ilha: “compareceu o alto mundo, em massa, ostentando o que havia de melhor em matéria de vestidos, casacos e joias”. Levado pelo entusiasmo do acontecimento social e pela elegância feminina, o cronista acrescenta que elas eram *o elo que nos prende à existência, o bálsamo consolador que nos santifica o sofrer*.

Comenta Cabral que:

Desde os tempos coloniais que a sociedade desterrense mereceu elogios de quantos puderam penetrar na sua intimidade. Todos foram unânimes em tecer elogios à grã-finagem do Desterro, mesmo quando dela havia apenas um pequeno círculo bastante reduzido e de pouca significação. E, tais elogios, tais referências lisonjeiras, não raro se fizeram na base de comparação com outros centros, outras comunidades que na base da comparação com outros centros que não lhes pareceram superiores, antes, bem ao contrário. (CABRAL, 1979, 17)

Mas, não só de música vivia o ambiente cultural da Ilha de Santa Catarina. Neste período, o teatro também fazia parte das manifestações artísticas. No século XIX, a cidade de Desterro possuía as seguintes sociedades dramáticas amadoras: Sociedade Dramática Fênix Catarinense (1868), Sociedade Recreio Dramático (1864), Sociedade Dramática Particular União Artística (1840), Sociedade Dramática União e Harmonia (1866), Sociedade Dramática Particular União dos Artistas (1873), Sociedade Dramática Particular União dos Estudantes (1878), Sociedade Dramática Particular Juvenil Catarinense (1852), entre outras. Algumas destas sociedades dramáticas tiveram um período de existência relativamente curto.

Inseridas no contexto cultural deste período, as sociedades dramáticas locais possuíam no seu repertório dramas e comédias que caracterizaram o ambiente cultural daquele século. Entre eles, Os Mineiros da Desgraça de Quintino Bocaiúva, Suplício de Uma Mulher, de Alexandre Dumas e Girardin, tradução de Machado de Assis, O Sr. Dumblick de Alexandre Dumas.

Também observamos que não só da dramaturgia importada vivia o teatro desterrense. Os dramaturgos Ilhéus também contribuíram para as artes cênicas de Santa Catarina. Horácio Nunes Pires, com Paulo, Coração de Mulher, Dolores, Helena, O Anjo do Lar e O Bem e o Mal. Álvaro Augusto de Carvalho, Raimundo e Uma Moça de Juízo. Marques Guimarães, O Arrependimento. Lacerda Coutinho, A Mulher Perante a Sociedade e A Mona Domingueira. Silva Ramos O Pio do Macho. Pedro de Freitas Cardoso Loucuras de Amor, que em 1884, provocou o delírio e os aplausos da sociedade desterrense. (CABRAL, 197-199)

Nas frases recheadas de imagens românticas os dramas e comédias provocavam situações comovedoras, ferindo a alma dos espectadores. É a partir da segunda metade do século XVIII que o drama burguês busca transformar a arte declamatória: desenvolvendo a intriga, a busca do terrível e do patético.

Tratava-se de buscar na emoção o modo de como o público responde às transformações do condimento das sensibilidades. (VICENT-BUFFAUT, 1988, 91) Nesta perspectiva o teatro funcionava como instrumental pedagógico para o refinamento das sensibilidades individuais e coletivas. Os prantos vertidos em comum selam uma espécie de pacto social de sensibilidade, que faz do teatro um tipo de assembleia política.

O drama romântico buscava na tragédia cotidiana dos sujeitos sua temática. O realismo invade o cenário: Amores impossíveis, naufrágios, sofrimento dos negros nas senzalas, mulheres e suas inquietudes e outras inverosimilhanças para retratar toda uma desordem social e moral.

No refinamento das sensibilidades que se operava na sociedade desterrense, o teatro possibilitou à elite desterrense veicular, indiretamente, normas pedagógicas de comportamentos nas práticas de condutas da população, e em particular nas práticas afetivas femininas, pois era de bom tom que:

[...], uma donzela baixaria sempre os olhos quando falasse, a não ser que fosse uma despudorada ou que a atriz estivesse representando muito mal o seu papel. Mesmo as “sabidas”, as “sabichonas”, não ousariam levantá-los ao noivo escolhido pelos pais, embora já estivessem entregues a outros amores.
(CABRAL, 1979, 169)

Nesta perspectiva, poder-se-ia dizer que o teatro na Ilha, respondia aos anseios da incipiente elite que no transcurso do século XIX patrocinava a remodelação do espaço urbano e a clivagem das condutas da população. Ao mexer com a sensibilidade e as emoções dos sujeitos, a dramaturgia da época inseria novos signos de comportamento público. Na Ilha de Santa Catarina, era comum ao espectador chorar em público diante dos infortúnios dos sujeitos colocados em cena. O teatro, enquanto espaço das lágrimas compartilhadas, possibilita que todos reflitam sobre sua bondade natural e da excelência das suas amizades. O mundo burguês valorizava o teatro na medida em que ele era o seu próprio espelho, pois a representação fazia parte dos signos e dos artifícios dos grandes gestos introduzidos no cotidiano. Buscava-se, através do teatro, educar as emoções e redefinir uma pedagogia dos sentimentos públicos. A dramaturgia em Nossa Senhora do Desterro, correspondia aos desejos da burguesia em ascensão, em sua busca por uma tipologia correspondente à imagem social por ela introduzida no conjunto da sociedade desterrense. A literatura, a música e o

teatro se revelaram como instrumentos estratégicos junto aos anseios da elite para remodelar as práticas de sociabilidade da população e especificamente da mulher em Nossa Senhora do Desterro, no século XIX.

A companhia Bouffes Parisiense, que era composta dos Srs. D'Hot, Noury, Mme. Emile e Mlle. Pauline Lion, em 1861, foi a primeira companhia a apresentar peças musicais no Teatro São Pedro de Alcântara, com canções francesas, trechos de óperas cômicas de Offenbach. Seu espetáculo era finalizado por uma Poliorama onde se dava a aparição da Nossa Senhora da Glória, em uma chuva de flores.

No segundo espetáculo, na Ilha de Santa Catarina, em 20 de janeiro de 1861, encenaram a ópera cômica *Robin e Nanette* e os *Os Dois Velhos Enfermeiros ou A História de Um Medicamento*. Como atração picante, a companhia comunicava ao seu público que as atrizes Sras. Emile e Pauline iriam se apresentar travestidas de homem e os Srs. D'Hot e Noury travestidos de mulher.

Buscava-se neste período, através da arte, dispositivo que auxiliasse na clivagem das condutas, ao mesmo tempo em que se operacionalizavam intermitentes reformas urbanas. Tratava-se de buscar um equilíbrio entre o tolerável e o intolerável no espaço público. A elite emergente oriunda da burocracia administrativa, comercial e militar, e, em parte, por setores ligados à terra ditavam formas de ocupação de territórios de sociabilidade.

O jornal "O Argos" em suas páginas, no ano de 1861, publica um artigo sobre o "Teatro Catarinense" em que a importância da arte, na modelação das condutas, foi preconizada.

Incontestavelmente, o teatro é o termômetro do grau de civilização de um povo. Aí, de um relance de olhos se pode julgar da índole, da instrução, da civilização e mesmo da moral pública e doméstica do espectador. Afora o abuso que se possa fazer do teatro, é ele uma escola animada, que num só quadro nos mostra a luta das paixões e o triunfo da virtude sobre o crime. O que não sentimos com a leitura de um livro, sentimos ao ver uma representação. Em Santa Catarina há dessa notável tendência para a civilização por meio do teatro. O espírito de associação para representar suspende-se por algum tempo, mas nunca se extingue. Um teatro material é, pois, uma necessidade para desenvolver o teatro moral, escola de costumes e de instrução.

Na medida em que os espaços privados iam deixando de ser públicos, iam sendo introduzidos no espaço social dos sujeitos e da cidade novos equipamentos de encontros sociais e de convívio cotidiano. Os clubes sociais surgiam gradativamente e ocupavam os antigos espaços particulares de apresentações.

Os grupos amadoristas da boa música foram, aos poucos, desaparecendo. Não só os velhos animadores envelheceram, e perderam o entusiasmo, como, também, a sociedade foi evoluindo, admitindo novos valores culturais, tornando-se mais aberta, os costumes sofrendo, é intuitivo, uma natural substituição de motivações e de padrões de comportamento. A música, como o teatro, deixaram de ser uma indispensável motivação para os encontros sociais, para um convívio necessário e para um melhor conhecimento. Os salões particulares foram, aos poucos, fechando as suas portas, ao mesmo tempo que os clubes iam abrindo as suas, acolhendo mais gente, recebendo maior número de frequentadores. (CABRAL, 1979, 77)

O surgimento dos clubes sociais, desde a segunda metade do século XIX, além de possibilitar à burguesia ascendente um aprendizado constante de requinte nas relações sociais, tinham como função regulamentar as práticas e normatizar os comportamentos dos sujeitos diante de si e diante do outro. Neste sentido, as associações propiciavam o espaço ideal para o exercício destas novas formas de sociabilidade (HABERMAS, 1984, 43-74). Esta parece ser uma das funções dos clubes sociais no decorrer do século XIX. E entre os equipamentos socializantes, os clubes sociais eram os lugares da diversão e da alegria. Na medida em que a elite desterrense foi se aglomerando em sociedades fechadas como os clubes, Harmonia Militar (1863), Clube Familiar (1864), Clube Doze de Agosto (1872), Terpsichore (1879), ela passou, através da pedagogia dos comportamentos, fundamentada pelo discurso médico higienista, a controlar a sociabilidade afetiva dos sujeitos.

A disciplinarização do espaço urbano e social operacionalizado em Nossa Senhora do Desterro, através do tempo, e que culminou com o fechamento da sociedade desterrense, tornou-se um dos dispositivos de controle sobre as práticas afetivas femininas.

[...], essa acentuada acessibilidade, essa liberdade de que gozavam as mulheres catarinenses, não durou muito. À medida que o tempo foi passando, a sociedade foi-se fechando, gradativamente, cada vez

mais, e, se nos idos do século XVIII, os viajantes de certa categoria eram aqui acolhidos até com festas em Palácio, pois eram eles, de certo modo, uma raridade na terra, no século seguinte a hospitalidade não chegava mais a tais exageros. (CABRAL, 1979, 19)

A imprensa se consolidou definitivamente no cotidiano da população. São editados os primeiros livros na Ilha de Santa Catarina. De Manuel Joaquim de Almeida Coelho: Memória Histórica do Extinto Regimento de Infantaria de Linha da Província de Santa Catarina (1853), e Memória Histórica da Província de Santa Catarina (1857). De José Gonçalves dos Santos Silva, As Leis em Conflito com o Direito de Ocupação e Conquista (1865), e A Província de Santa Catarina em seus confins com a Província do Paraná (1865).

Conta Cabral que a literatura na Ilha de Santa Catarina teve seu prélio entre os anos de 1816 e 1819. Dele participaram o Juiz de Fora Dr. Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, João Prestes Barreto da Fontoura, Provedor da Fazenda Real, Diogo Duarte Silva, que se tornou deputado na Constituinte Brasileira de 1823 e Antônio Francisco da Costa que se elegeu deputado na primeira Assembléia Legislativa Provincial em 1835.

A mulher figurava como expressão sublimada para os poetas da Ilha. A poesia romântica desterrense, em muitos casos, introduzia uma concepção erótica-sensual capaz de superar as ansiedades da paixão irrealizada. No século XIX, o amor romântico representava: “A configuração de um sentimento amoroso, as condutas que ele inspira, revelam ao mesmo tempo os sonhos eróticos e as tensões que a sociedade atravessa”. (CORBIM, 1991, 518)

Nesta perspectiva, o estado emotivo conduz a linguagem a se manifestar diante do ser pretensamente amado. Muitos dos poemas publicados na imprensa desterrense deixam transparecer a sensualidade cheia de sublimações, perdida entre os sonhos, devaneios e desejos irrealizados. Buscando elementos da natureza, ou a divindade para expressar seu sentimento o poeta desterrense manifesta o amor e o desejo pela mulher amada.

O século XIX irá buscar na mulher o anjo bom, protetora, piedosa e nascida para a benemerência. Neste sentido, a mulher aparece como mensageira do ideal. Mas, buscando no sistema das representações, no final do Antigo Regime, os artistas da segunda metade deste século enfocam e dão ênfase ao enigma da feminilidade.

Os romancistas, especialmente Zola, farão com que este inquietante modelo de devoradora se insinue até o ambiente popular dos subúrbios. Para os homens da época, atormentados pelo medo da mulher, mais do que nunca é preciso aplacar a sexualidade da companheira e submetê-las à ordem.
(CORBIN, 1991, 518)

Ao mesmo tempo em que desnuda o pudor feminino, o amor romântico o eleva à sublimação das sublimações. A mulher, símbolo da castidade e da pureza, torna-se o Ideal a ser perseguido. Paul Hoffmann ao tratar do amor ideal em sua plenitude diz que “escapa do real e vive nas fronteiras da via onde se confundem a presença e a ausência, o rosto do ser amado e as imagens da recordação e do sono”. (CORBIN, 1991, 522)

Logo após a revolução francesa, Jean-Marie Gautier ao analisar um conjunto de correspondências íntimas, nos primórdios do século XIX, encontra nestas correspondências a violência da linguagem da paixão. O duelo do amor vai à busca do limite entre o Profano e o Sagrado. A mulher divindade e angelical, sedutora e fatal duelam-se constantemente na literatura. Manuais sobre a ciência do amor proliferam. Os saberes médicos sobre a mulher e a ciência do amor prescrevem verdades, normas e condutas. A poesia, o romance e o teatro invadem a intimidade feminina, estimulando, no espectador, imagens de Anjo e Demônio, de Santa a Maria Madalena. Nesta profusão de imagens - a imagem do infortúnio - a desgraça amorosa. E com elas, novos signos surgem na superfície como estivessem pedindo passagem. Na intimidade o ciúme emerge, provoca e arde. A perda do amor provoca soluço. Chora-se na intimidade, nos segredos da alma. O culto à morte amorosa altera comportamento e provoca o profano. O sagrado emerge no jogo lúdico da paixão..

O “amor perdido” soluça; os ciúmes assumem as formas da demência; o poderio do sentimento produz a tentação da morte. Em suma, enquanto se opera a privatização das lágrimas, exacerba-se nos comportamentos o código clássico do desregramento. Mas, ao mesmo tempo, prolifera a linguagem angélica; a metáfora religiosa invade o discurso: o amante é uma criatura celeste; o culto que se devota a ele, uma adoração. (CORBIN, 1991, 524-525).

A vulnerabilidade sentimental dos sujeitos manifestada pelo ‘bailar dos corpos’, impede que o sentimento se exprima na linguagem. Ele por si se produz pelo gesto. A linguagem corporal flui signos fora de qualquer alcance da linguagem.

Neste sentido a linguagem romântica manifesta toda sua sensualidade através de sutilezas no dizer. Desvendado pelo libertino, o romance aflora os aspectos secretos da vida sexual dos sujeitos, deleitando-se nos escândalos da inversão. Lugar da metáfora, a literatura torna-se fonte para compreensão e análise dos papéis femininos.

A mulher não faz senão deixar adivinhar sua sensualidade; evita assim comprometer-se plenamente. Ademais, o novo erotismo impõe a delicadeza; autoriza todos os refinamentos, todas as complicações sensoriais. Gracioso, charmoso, o flerte permite o emprego de qualidades intelectuais e artísticas. (CORBIM, 1991,546)

Em Nossa Senhora do Desterro, o mundo feminino é descortinado através de uma literatura que revela uma mulher sedutora, doce, ingênua e angelical.

No século XIX funcionam, em certas tendências da literatura, elaboradas formas de sexualidade que ultrapassam a manifestação do sentimento amoroso. Nestas regiões, os literatos passeiam em busca do jardim do Éden à procura dos amores contrariados, sem esperança. A imagem do ser pretensamente amado é descrito num conjunto de imagens, onde a sexualidade transborda em suaves palavras-gestos. Dessa maneira, o romance desenhou o modelo da mulher fácil, ingênua, espirituosa, gulosa por carícias da alcova, que traz consigo o dinamismo, o frescor e a sinceridade do amor romântico.

Júlia Maria da Costa, paranaense que viveu na cidade de São Francisco do Sul, foi uma das expressões femininas na literatura catarinense, escrevendo com regularidade e publicando seus poemas em prosa e verso nos jornais da Província. Elisiário Quintanilha no jornal “O Despertador” (1867) se refere a ela como a “moça-poeta”.

Flores dispersas é o prelúdio de um poema de coração, cujos primeiros cantos são doces e belos como as primeiras melodias da harpa eólia perpassam por entre as grutas de alcantilados rochedos. Da alma de uma menina ou moça, as primeiras flores que se dispersam, se nos vêm dizer que lá há, por entre os folgedos de uma vida inocente, lá no coração, um jardim de outras flores cujo perfume embriaga os sentidos, que estes se não desprendam porque são recônditos segredos da moça-poeta, também, porque sejam os pródomos de

uma vigorosa inteligência, nos vem anunciar um perene manancial de tesouro na poesia.

O romantismo teve grande influência na sua formação poética. Poder-se-ia dizer que o estado romântico era a sua própria condição existencial. Fato este que levou Celestino Sachet aponta duas características fundamentais em sua obra. “[...], profunda melancolia perante a vida que lhe parecia vazia e triste, e uma doce ingenuidade no dizer as coisas, que muitas vezes faz de sua linguagem de escritora uma quase conversa infantil”. (Sachet, 1985, 10)

A respeito dos adornos e do vestuário feminino que foram objetos de observações e de censura velada por parte dos viajantes estrangeiros que visitaram a Ilha de Santa Catarina nos séculos XVIII e XIX, e, por determinados setores sociais de Nossa Senhora do Desterro, a poetisa Júlia Maria da Costa emite juízo ético diferenciado sobre o gosto feminino pelos atavios. Era de entendimento da poetisa e que foram manifestadas em folhetim, através da prosa “As priminhas” que “sem enfeites não brilha a mulher. Um vestido bonito é uma carta de recomendação para aqueles que só apreciam a beleza da forma”. (PEREIRA, 1992, 82)

A prática do anonimato não foi só exercida através da literatura. Poder-se-ia dizer que o anonimato surgia na sociedade desterrense do século XIX como um código referencial para se criticar determinadas práticas de condutas e modos de vida, que não mais pertenciam ao imaginário do cotidiano de uma elite em ascensão, atarefada em produzir outros afazeres para legitimar a arte de governo (FOUCAULT, 1986, 287) sobre a população da Ilha, num período em que os sujeitos surgem como um objeto a ser administrado pelo Estado, da mesma forma que as relações comerciais e a produção.

Neste sentido, não era incomum, por exemplo, encontrar nos periódicos locais, notas e artigos anônimos chamando atenção de alguma autoridade para determinado procedimento de usos e costumes da população e até mesmo chamando atenção sobre os modos de comportamento de determinado sujeito.

Precisar a entrada do romantismo na Província Catarinense, como ideia, ideal e movimento, parece-nos tarefa improfícua. Poder-se-ia até dizer que o romantismo, com estas características, na Ilha de Santa Catarina, passou

despercebido. Entretanto, como fenômeno estético ao que tudo indica, sua existência inicia-se na segunda metade do século XIX.

A maturação dos espíritos que um dia teria que vir, já se fazia debilmente notada. Na Assembléia Provincial, fúteis questiúnculas sobre os mais insignificantes assuntos, tais como fixação de local para instalarem feiras livres, davam lugar à discussão de problemas mais sérios de importância social mais ampla. Consta que alguns parlamentares liam Rousseau, Voltaire. (MELO, 1980, 45)

O tom romântico fazia parte de novelas, poesias, artigos e crônicas veiculadas através da imprensa desterrense, denunciando práticas julgadas inaceitáveis pela elite ascendente local. E entre estas práticas, as correlacionadas com a afetividade feminina mereceu uma vigilância e um controle mais freqüente nas páginas dos jornais. Era corriqueiro, no decorrer do século XIX, encontrar na imprensa local informações sobre os modos de comportamentos femininos nos espaços públicos e privados. Essas informações eram freqüentes nos textos que prescreviam sobre o amor, fidelidade, sedução, asseio, moda, lazer, costumes e condutas sociais.

Na versão difundida pela literatura, o “amor romântico”, embora se projetasse como um amor volatizado, que o discurso médico higienista identificou como “delírio”, estabeleceu múltiplas interrelações com a intervenção médica sobre as famílias e as condutas afetivas, e em particular das afetividades femininas.

Neste período foram publicados, em Desterro, alguns livros da produção literária local: Memória Histórica da Província de Santa Catarina, de Almeida Coelho (1856); Ensaio Oratório, sermões de Arcipreste Paiva (1862); Lírios e Rosas, poesias de José Elisiário da Silva Quintanilha (1863); Raimundo, drama de Álvaro de Carvalho (1868); Noites de Luar, poesias de José Ramos da Silva Júnior (1861); Quem desdenha quer comprar, comédia de Lacerda Coutinho (1868); Flores Dispersas”, de Júlia da Costa; (1869); Eulália, novela de Jovita Duarte Silva (1862). Talvez aqui resida um marco importante na Ilha de Santa Catarina para difusão da estética romântica.

No ano de 1857, a disposição dos leitores, tanto para venda como para empréstimo havia nas mercearias e lojas de Desterro as seguintes obras: O abade; Amores de Paris; A condensa de Mourion; A dama do lago; A filha que

assassinou a própria mãe; A família Gogól; A donzela Teodora; Carlos Magno; A imperatriz Porcina; e Maria José; entre outros.

A partir de 16 de junho 1887, Horácio Nunes Pires publica em folhetim, através do “Jornal do Comércio”, o romance “D. João de Jaqueta”, sobre o qual o autor advertiu aos leitores que:

Os tipos que apresento ao público nunca existiram na freguesia onde se passa a ação da minha novela: os costumes sim, em quase sua totalidade. Na descrição deles não há o menor desaire para a localidade, cujos habitantes são bem conhecidos pelo seu caráter honesto e amor ao trabalho. O meu ‘D. João’ apresenta-se de jaqueta nova e calças por meia canela, pedindo a todos um olhar benigno e um sorriso de proteção. Ele é realmente o que parece ser: - modesto, humilde e inofensivo...inofensivo sobretudo. (PIRES, 1984, 24)

O romance de Horácio Nunes inicia-se em 1877. Neste período, O Brasil ainda é um país colonial, quando aparecem os primeiros capítulos de D. João de Jaqueta. E o modo de ser e de agir era ditado pelos “filhos de famílias abastadas do interior, de comerciantes e de profissionais liberais que definiam o modo de ser da classe dominante da época” (PIRES, 1984, 10)

Neste período em que Horácio Nunes escreve seu romance, a cidade de Nossa Senhora do Desterro passava por uma remodelação dos usos e costumes. A imprensa e a elite, em ascensão, operacionalizavam uma “verdadeira revolução” no espaço urbano e na remodelação das condutas afetivas da população. Os jornais publicavam posturas municipais regulamentando diversas práticas socializantes. Entre elas, a brincadeira carnavalizante do entrudo e a festa do Divino Espírito Santo. A geografia urbana da cidade se remodelava seguindo os preceitos modernizantes apregoadas pela classe média. Enfim, a Ilha de Santa Catarina iniciava lentamente, e num processo descontínuo, as transformações urbanas e afetivas veiculadas por um saber médico higienista oriundo da “modernidade” que caracterizava o século XIX.

O romance de Horácio Nunes possui como uma das tramas as conquistas amorosas de Rosalina, filha do famoso Major Anacleto da Trindade que era um homem rústico, falador e ambicioso de posições. Já sua filha, educara-se na capital e especializara-se na ciência do namoro, mas vivia no interior da Ilha. A jovem Rosalina era,

[...], uma interessante e espirituosa moça que se educara em um colégio da capital, donde levava para casa do pai bastante conhecimentos, inclusive a ciência do namoro, completamente desenvolvida".(...). "realmente bonita com sua cor morena, com os seus olhos rasgados e negros, com os seus lábios carnudos e vermelhos, com o seu cabelo preto e vasto, com o seu narizinho divinamente modelado. (PIRES, 1984, 24)

Sedutora, Rosalina envolvia seus admiradores num jogo lúdico e "Os rapazes da freguesia faziam-lhe roda e empregavam todos os meios imagináveis para serem por ela distinguidos". (PIRES, 1984, 26)

Sediada por seus galantes, pois tinha conhecimento do desejo que despertava, Rosalina não sentia culpa pelo assédio. Pelo contrário, transferia a culpa para a própria condição amorosa, "quem manda que todos [...] gostem de mim". Na sua trama, sabia ela que as artimanhas amorosas se faziam necessária pois, "É verdade que posso casar com um e gostar do outro...Tem-se visto tanto disso!". Para ela a possibilidade do amor duplo era o único recurso, porque "não seria de bom coração desgostar dos pobres rapazes que tanto me desejam". (PIRES, 1984, 37)

Rosalina, vaidosa e fingida como todas as namoradeiras, tinha ciência e conhecimento dos jogos amorosos. E em particular, o jogo da sedução. O limite da jovem namoradeira era a própria possibilidade de avanços e recuos, de entregas parciais, um se dá se negando. No mundo feérico, lugar da magia feminina, o impossível não se realiza, pois ele é sempre o enunciado de outros acontecimentos.

Para a mulher não há impossíveis. Quando a mulher concebe um pensamento é inútil dizer-lhe: - "não irás avante" -, porque ela arrostará tudo, saltará por cima de tudo para realizar o seu pensamento. A palavra - impossível - foi inventada pelos homens para porem um paradeiro aos desejos da mulher...mas a mulher ri-se do frágil obstáculo e vai caminhando sempre. (PIRES, 1984, 43)

E ao caminhar pelos jogos da sedução, Rosalina trava uma luta íntima diante das palavras cheias de ardis proferidas por um dos seus galantes. Ela balança, questiona e se envolve. Porém ela resiste às palavras e à entrega. Sua honra não entra no jogo da sedução. Cautelosa, sabia que sua reputação e honra corria

perigo se concretizasse os desejos do seu galante. O temor da vergonha pelo juízo ético formulado pela opinião pública ressoa em seus pensamentos.

[...], se um dia se descobre aquilo que com tanto cuidado se ocultava?...O que fica sendo a mulher que se deixa seduzir por uma ilusão de momento, por uma miragem que sob a sua forma sedutora oculta a agonia da vergonha? (PIRES, 1984, 90)

As palavras do seu galante eram fortes para o coração de Rosalina. Juca, o galante, não poupava palavras para enunciar seu sentimento.

E como tu és bela...Oh! minha rosa peregrina, desabrochada em plena primavera na ignorada e solitária devesa. Embora rasgando as vestes, embora dilacerando as carnes nos espinhos que te cercam, hei de colher-te, oh! rosa, para todos os dias aspirar os teus divinos odores, para a todas as horas gozar os teus doces encantos, para a todos os momentos beijar, a palpitar de amores, as tuas pétalas perfumadas!...És bela, és bela como os anjos, e eu te amo com todo o fogo da mocidade, com todo o ador dos vinte e cinco anos!...[...].Quando eu te contemplo, como agora, sinto incendiar-me o coração e a alma a chama ardente de um amor louco, enorme, infinito, e sinto fugirem, como um bando de aves negras, as trevas dos meus pesares e das minhas tristezas...E tu és bela, és bela como as rosas e bela como os anjos" ! (PIRES, 1984, 73-74)

Diante das insinuações amorosas do seu galante e dando-se conta de que ele não a desejava para torná-la sua esposa e sim para amante e vendo o perigo que corria diante dos acontecimentos, Rosalina pálida, trêmula, com os olhos faiscantes e as feições contraídas e num esforço para salvar sua honra e reputação, ela lhe traduz todo o significado da corte que ele lhe fazia.

Ah! compreendo agora!... - exclamou ela, depois de obriga-lo a curvar a cabeça ante o seu olhar que despendia raios. O senhor queria seduzir-me...queria perder-me...queria colocar-me a par dessas desgraçadas que se revolvem na lama da vergonha, vencidas pela sedução(...). Estás enganado senhor!...Eu serei uma mulher inconstante, volúvel, caprichosa...mas nunca serei uma mulher infame! (PIRES, 1984, 24)

Rosalina não se deixou “engambelar” pelas palavras sedutoras do seu galante. Poderia se tornar “caprichosa e volúvel”, mas nunca uma mulher “infame”. Sua honra e reputação se encontravam acima das leviandades inerentes aos jogos da sedução. “Que anjo foi esse, que revelou por aquela honra, que, deslumbrada pela vertigem do descontentamento, resvalava à beira de um abismo sem fundo”? (PIRES, 1984, 92)

Horácio Nunes em “D. João de Jaqueta” não traça só um perfil dos usos e costumes da cidade e do campo (interior da ILHA). Mas, traz até nós a “delicada situação da mulher na sociedade patriarcal do II Império” vista e pensada a partir do olhar romântico que perpassava por toda a sociedade brasileira no século XIX.

Nunes constrói e apresenta a conduta afetiva de Rosalina a partir de um conjunto de contradições: que vai desde educação e ignorância, passando pela ingenuidade rústica e modelação da conduta, e apresentando através dos costumes Ilhéus a diferenciação do mundo urbano-rural. E por fim, trazendo à superfície a condição da mulher inserida na família “patriarcal”. Ora na condição de mulher sujeito, ora na de mulher objeto.

A jovem Rosalina escapa destas contradições pela educação que recebeu, e a partir da pluralidade pedagógica consegue locomover-se com desenvoltura no interior dessas contradições. Pluralidade esta, que lhe permitia atravessar o mundo amoroso sem se tornar leviana.

Rosalina é o ‘eterno feminino’ que não toma a iniciativa amorosa ostensivamente; deixa-se conquistar, dissimulando em objeto sua condição de sujeito da escolha amorosa. A contradição é visível. Horácio Nunes leva até o limite a situação de Rosalina: não fosse sua instrução (elogio à escola pública) e sua inteligência, deixar-se-ia engambelar pelas palavras sedutoras de Juca. Não fosse sua educação, facilmente se tornaria prostituta. Sem tocar diretamente no assunto, a dicotomia romântica virgem\prostituta traz à tona os parâmetros da mulher na sociedade patriarcal. Horácio Nunes coloca sua personagem numa situação perigosa e extrema, mas isto não impede que Rosalina, apesar do seu jogo e dissimulação, preencha o papel de legitimadora da ascensão social do homem e da manutenção da sociedade de classes. (APPEL, 1984, 14)

Rosalina, personagem criada a partir do imaginário feminino de Horácio Nunes, portanto, construída através do olhar masculino, encontra na fala literária espaço

para sua visibilidade. E é de dentro desta visibilidade feminina que podemos ouvir a voz de Rosalina. Mulher que se elabora e se revela no jogo amoroso, mas sem perder a noção de sua condição de mulher na sociedade patriarcal do II Império, onde a honra e reputação pertencia ao domínio público.

Neste sentido, o romance “D. João de Jaqueta” é “veículo de transmissão do cotidiano, das permanências culturais e das idéias e ideologias de uma época”. (SAMARA,1991,256)

A clivagem das condutas, operacionalizada na Ilha de Santa Catarina no transcurso do século XIX, repassa por uma pluralidade de acontecimentos. Neste período, a cidade de Nossa Senhora do Desterro, com o patrocínio de determinados setores sociais, questiona determinadas práticas de sociabilidade, fatos e desejos.

Nesta perspectiva, a literatura, como fonte histórica, traz até a superfície pontos de tensões que se pulverizam na teia e na trama do social. Mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e mágoa dos aflitos.

Retrato de costumes, o romance ‘D. João de Jaqueta’, de Horácio Nunes, não deixa de espelhar a sociedade desterrense do século XIX. Sociedade que passava por uma clivagem das condutas e remodelação do seu espaço urbano com a introdução de novos agentes sociais no cotidiano da população. Nunes, portanto, não se encontrava imune aos acontecimentos de transformações na Ilha de Santa Catarina. Pelo contrário, ocupando alguns cargos administrativos na Capital da Província, o autor era partícipe destas transformações.

A jovem Rosalina pertence ao imaginário feminino da Ilha de Santa Catarina e é apresentada ao público como conhecedora da arte do namoro. Rosalina, a namoradeira, a sedutora dos “lábios carnudos e vermelhos”, de “cor morena”, e “olhos rasgados e negros”, está inserida no cotidiano da visibilidade feminina. É o próprio autor do romance ‘D. João de Jaqueta’ que alerta aos seus leitores que “Os tipos que apresento ao público nunca existiram na freguesia onde se passa a ação da minha novela: os costumes sim, em quase sua totalidade”. (PIRES, 1984, 24)

Seria a arte do namoro por parte das mulheres na cidade de Nossa Senhora do Desterro um costume corriqueiro? O que se passava no imaginário dos viajantes e de Horácio Nunes para que estes constituíssem uma prática afetiva feminina em Desterro? Narrador e objeto narrado não estariam neste caso

interligados por acontecimentos que naquele momento vivido pertenciam ao cotidiano da população ao qual estavam inseridos? Uma população, conforme demonstra a historiografia, de intensa sociabilidade cotidiana.

Neste emaranhado de falas é tentador falar na existência de uma mulher sedutora no decorrer do século XIX, na Ilha de Santa Catarina. Porém como identificar a mulher real da mulher imaginária? Principalmente quando o imaginário social,

[...], constrói a antimulher (ou se trata da verdadeira natureza feminina que se revela quando deixada sem a tutela do homem?): fonte do pecado, ardilosa, propiciadora da perdição, incapaz de guardar segredo, mentirosa, inspiradora de crimes. (PENSAVENTO,1991, 57)

Neste sentido, esta mulher imaginária vem,

[...], por sua vez, expressa em artigos de jornal que louvam o estereótipo desejado do feminino ou execram o seu oposto, encarnando na figura debochada da prostituta, destruidora de lares, desencaminhadora da juventude. A mulher ideal se corporifica nas representações icnográficas de cartazes e litografias, quadros e esculturas, ocupa espaço nas obras literárias e poéticas e se insere no processo educacional, como tema de textos morais. (PENSAVENTO,1991,57)

Nosso objetivo, neste ensaio, não é inferir uma verdade para a pluralidade de leituras possíveis diante dos documentos analisados, e sim trazer à superfície investigações que possibilitem verificar falas que registraram, no passado, determinadas práticas sociais da população, em particular dos modos de vida das mulheres da Ilha de Santa Catarina, no transcurso do século XIX.

A minha primeira idéia foi de casar com ela. Amava-a e julguei um momento que ela me amasse também. Mas depois que a conheci mais, depois que compreendi a sua leviandade, as suas perfídias, o seu gênio inconstante, sufoquei meu amor nascente, e olhei para ela como para um passatempo, um brinco, um objeto de luxo, mas não como para uma mulher digna de ser amada...A loureira, como todas as loureiras, há de pagar, por onde pecou: quer a todos, mas ficará reduzida a um só, e esse mesmo o pior de todos, se não morrer olteirona...Enfim...desfrutemos enquanto pudermos, e depois." (PIRES, 1984, 75)

BIBLIOGRAFIA

BERGER, Paulo (org.) Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX; compilado por Paulo Berger, 2. edição. Florianópolis, Editora da UFSC\Assembléia Legislativa, 1984.

PEREIRA, Carlos da Costa. Traços da Vida da Poetisa Júlia da Costa: ensaios, Florianópolis, 1992.

BRITO, Paulo José Miguel de. Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina. Florianópolis, Livraria Central, 1932.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro, Memória 1 e 2. Florianópolis, Lunardelli, 1979.

CORBIN, Alain. Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Tradução Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DOM PERNETTY, Antoine. "Histoire d'un voyage aux Isles Malouines, fait en 1763 - 1764...", Tradução de Carmen Lucia Cruz, In: Berger, Paulo(org.), Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. edição, Florianópolis, editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HABERMAS, Jürgen. Mudanças estruturais da Esfera Pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LANGSDORFF, G.H.Von. "Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in dean Jahren 1805 bis 1807", Tradução de Dolores R. Simões de Almeida, In: Berger, Paulo(org.), Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2. edição, Florianópolis, editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

MELO, Osvaldo Ferreira de. Introdução à História da Literatura Catarinense. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1980.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. In: MUZART, Zahidé L. (org.). Mulheres-Século XIX. Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras Periodicidade semestral, Florianópolis, Ed. UFSC, vol. 23, 2. semestre, 1991.

PEREIRA, Carlos da Costa. Traços da Vida da Poetisa Júlia da Costa. Florianópolis: FCC, 1982.

PIRES, Horácio Nunes. D. João de Jaqueta: cenas da roça. Porto Alegre: Movimento; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

SACHET, Celestino. A Literatura Catarinense. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem à Curitiba e Santa Catarina. Tradução Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte, ed. Itatiaia, São Paulo: Editora. da Universidade de São Paulo, 1978.

SAMARA, Eni de Mesquita. IN: MUZART, Zahidé L. (org.). Mulheres-Século XIX. Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras Periodicidade semestral, Florianópolis, Ed. UFSC, vol. 23, 2. semestre, 1991.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. História das Lágrimas: XVIII-XIX. tradução Luiz Marques e Martha Gambini, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.